

PROBLEMAS DE PORTUGUÊS

COM SOLUÇÕES

Helena Rebelo

ÍNDICE

Nota Introdutória	10
-------------------------	----

I. ORTOGRAFIA

1. noção de “erro”: “erros ortográficos”	16
2. estrangeirismos: “A faca 100% made in Portugal, com design do sueco (...)”	18
3. neologismo: “do megapiquenique”	20
4. troca de vogais: “termo açoreano”	22
5. troca de consoantes: “singalesa”	24
6. vogal nasal: “comunmente”	26
7. acentuação de advérbio: “diariamente”	28
8. acentuação do particípio passado: “destruída”	30
9. acentuação de oxítono: “Voltei (...) e concluí as três cadeiras”	32
10. acento circunflexo: “teem”	34
11. acentuação de “cor” e as cores: “lápis de cor vermelho”	36
12. maiúscula do topónimo: “O arquipélago da Madeira”	38
13. repetição de maiúscula: “T Todo”	40
14. aglutinação indevida: “afim de suprir as necessidades”	42

II. MORFOLOGIA

1. plural de adjectivo: “valores recorde”	46
2. plural de determinante: “são necessários muito mais votos”	48
3. grau de advérbios: “Estamos melhores ou piores?”	50
4. sequência de advérbios: “habitam organizadamente e silenciosamente”	52
5. advérbio “talvez” sem “que”: “Talvez que fôssemos demasiado jovens”	54
6. conjunção sem “que”: “enquanto que o Dão”	56
7. preposição “até”: “até ao último dia”	58
8. preposição “a” com “nível de”: “Queda de 1,6% ao nível do emprego”	60
9. preposição “a” num composto verbal: “vamos lá a ver o seu certificado”	62
10. preposição “a” e relativo “onde”: “é um dos locais a ir”	64
11. substituir “onde”: “tinha (...) mais uma em Pequim, onde ficava na China”	66
12. locução “além de” sem “para”: “que, para além de trabalhar no IPO, preside ao conselho”	68
13. preposições “em” e “para”: “nas discotecas e bares o número é menor”	70
14. preposições “em” e “com”: “usado em migas, bacalhau ou sopa”	72
15. infinitivo pessoal: “Traga as suas pequenas feras para conhecer as nossas.”	74
16. pretérito perfeito composto do indicativo e particípio passado: “tem ganho cada vez mais fãs”	76
17. pretérito perfeito composto do conjuntivo e particípio passado: “tenha ganho”	78
18. pretérito mais-que-perfeito composto do conjuntivo de “estar”: “estivesse estado” ...	80

19. modos conjuntivo e indicativo: “acreditam que a realidade nacional não é muito diferente”	82
20. possessivos e formas de tratamento: “o seu pai”	84

III. SEMÂNTICA

1. “adesão” e “aderência”: “este evento teve uma grande aderência”	88
2. “chamar” e “tratar”: “Prefiro que me chamem Álvaro em vez de ministro”	90
3. “trás” e “traz”: “com o que a vida nos trás”	92
4. “lutada” e “lotada”: “esta aldeia fica lutada”	94
5. “porque” e “por que”: “ajuda a explicar porque é que a Suécia”	96
6. “ser” e “estar”: “Os portugueses são demasiado preocupados”	98
7. “saber” e “saber de”: “sabe disso”	100
8. “maior aproveitamento” e “baldios”: “obter maior aproveitamento de terrenos baldios”	102
9. “água” e “prolongada”: “arrefecer imediatamente a queimadura com água fria prolongada”	104
10. “realizar” e “comboios”: “apenas se tinham realizado cinco comboios Intercidades”	106
11. “devido” e “acidentes”: “Devido às suas necessidades de energia, a China tem numerosos acidentes em minas de carvão.”	108
12. “novas buscas” e “onde”: “fez novas buscas onde foram encontrados restos mortais”	110
13. “conferir algo” e “conferir algo a alguém”: “conferem o tom alaranjado”	112
14. significado de “telefonar”: “Um familiar telefonou-a”	114
15. Significado da negação: “continua a não dar resposta, ou pelo menos aquela que não interessa”	116

IV. SINTAXE

1. frase sem predicado: “Dia 8, em Lisboa, na sequência de uma indisposição.”	120
2. frase sem verbo copulativo: “Uma iniciativa, em que estabelecimentos aderentes e seus clientes participam, sem gastar um cêntimo.”	122
3. construção impessoal: “Tempera-se os bifés”	124
4. identificação do destinatário: “Seis pesadelos que o impedem de dormir”	126
5. concordância entre sujeito e predicado: “a capacidade de ter dúvidas e medo de errar era exclusivamente humana”	128
6. concordância do nome predicativo do sujeito com o sujeito posposto: “é necessário uma mobilização”	130
7. concordância com percentagens: “cerca de 90% da população usa tétum”	132
8. concordância entre substantivo e adjectivo afastado: “um dos erros mais frequentemente cometido é”	134
9. concordância a partir do núcleo do sujeito: “Só que, grande parte dos jornalistas, (...) empregam (...) sem saberem”	136

10. antecedente para a concordância de pronome aglutinado com a preposição “em”: “a construção do Muro da Esperança, no qual participam”	138
11. concordância de pronome com o referente: “O ritmo biológico difere de pessoa para pessoa e cada um”	140
12. concordância de pronome clítico com o antecedente: “os sacrifícios (...) fazemo-lo”	142
13. concordância entre pronome e antecedente afastado: “fazem a dissecação (...) e deixam (...) fazê-lo”	144
14. colocação do pronome clítico: “para impedi-los”	146
15. junção de pronomes: “O Sol ninguém nos tira”	148
16. repetição dos artigos: “As flores e frutos”	150
17. vocativo: “Vai estudar Relvas”	152
18. pontuação na relação entre sujeito e predicado: “Um murro dado à mãe, provoca nos filhos medo e vergonha.”	154
19. complementos e pontuação: “, nos próximos 20 dias teremos”	156
20. pontuação antes de “ou seja”: “Penso que com a idade se vai refinar. Ou seja, vai fixar-se mais”	158
21. frase interrogativa: “Talvez fosse a Madeira ou o Porto Santo?”	160
22. frase na voz passiva: “proibido entrada de animais”	162
Referências dos Usos Linguísticos	166
Alguma Bibliografia Temática	171

NOTA INTRODUTÓRIA

A Linguística e a Gramática parecem ter poucas afinidades. Por um lado, relativamente mais recente, a Ciência da Linguagem interessa-se por compilar os diferentes modos de dizer para os estudar e descrever. Por outro, bastante antiga, a Arte de Falar e Escrever Bem é rigorosa e normativa, distinguindo modos de dizer acertados de outros errados ou, ainda, de alguns pouco adequados. Vistas assim, assemelham-se a duas margens intransponíveis. Porém, observando-as com atenção, elas estão constantemente ligadas por pontos de contacto, que permitem passar de uma para a outra. Ambas se interessam pelos usos linguísticos, que estão em infindável mudança, embora os analisem de maneiras diversificadas, mas, muitas vezes, conciliadoras. É o pretendido, ao destacar problemas de Língua Portuguesa colhidos em diversas fontes, sendo as predominantes de cariz jornalístico, nomeadamente da imprensa nacional. Estabelece-se, sempre que possível, uma ponte entre o ponto de vista gramatical e o prisma da análise linguística. Problematizar os usos que os falantes realizam diariamente, sobretudo na escrita, levanta questões de fundo que ultrapassam a visão estagnada que se tem da língua materna. É como se, neste domínio do saber, não houvesse investigação possível porque tudo está ou certo ou errado e nada há para questionar. Não é assim para um idioma vivo como a Língua Portuguesa. Levanta problemas e alguns não são de fácil resolução, seja qual for a área de incidência: a Ortografia, a Morfologia, a Semântica ou a Sintaxe, as quatro partes em que se subdividem os problemas identificados nos usos linguísticos elencados aqui.

Reduziu-se ao mínimo possível a terminologia gramatical. Aliás, optou-se por evitar complicar esta matéria porque o que se pretende é mais pôr a pensar sobre os usos linguísticos do que resolver questões terminológicas ou científicas. Usou-se a necessária para compreender o fenómeno enunciado, seguindo, sobretudo, a Gramática Tradicional. Por conseguinte, empregam-se alguns termos como equivalentes, nomeadamente, e entre outros: “adjectivo” e “qualificativo”, “complemento” e “objecto”, “nome” e “substantivo”, “predicado” e “verbo”, “particípio” e “particípio passado”. Crê-se que usar terminologias específicas para publicações destinadas a um público alargado é inapropriado. Deste modo, a utilizada será, por vezes, elementar. Pensa-se que, assim, não impedirá a leitura de qualquer pessoa interessada em compreender o funcionamento da língua.

Muitos usos são detalhes a que não é costume dar relevância. No entanto, há contextos escritos em que são perfeitamente visíveis. Alguns são bastante empregues, excessivamente mesmo. Com frequência, uns quantos não corresponderão a erros, mas a desvios reiterados no registo oral, que se transpõem para a escrita. Aliás, a permeabilidade destas duas facetas linguísticas origina problemas que têm de promover a reflexão. Estes dois registos são diferentes, havendo uma tendência para os confundir, fundindo-os ao considerá-los iguais. Assemelhando-os, julga-se que escrever é registar a fala, atestando-a e não se processa assim na escrita, sobremaneira na dita formal, que se afasta consideravelmente do discurso oral. A escrita noticiosa e opinativa da imprensa é reveladora desta problemática e é, por isso, a fonte privilegiada dos problemas enunciados. As referências dos usos estão no fim do livro e retomam a numeração de cada problema. Elas permitem comprovar a sua veracidade. Os problemas identificados não resultam de usos artificiais reconstruídos, mas de uma recolha em jornais, revistas e outras fontes. Aliás, neste livro, também poderá haver usos indevidos. Isso mostrará que ninguém está livre deles e que a dinâmica linguística é facilmente contaminadora.

A proposta de problemas de Língua Portuguesa que se segue parte de crónicas linguísticas publicadas entre 2012 e 2013, no semanário *Tribuna da Madeira*. No rasto do livro *Desvio ou Erro? Problemas na Escrita da Língua Portuguesa*, as crónicas foram desguarnecidas da roupagem temática para conservar unicamente a estrutura linguística e gramatical. A orientação editorial incentivada por Luís Eduardo Nicolau consistiu em guardar apenas a abordagem linguística das referidas crónicas para apresentar uma explicação do problema identificado e enunciado. Faz-se uma reflexão que, simplesmente formulada, procura desenvolver competências. Emendar detalhes assinalados nas fontes identificadas, um por texto, ou seja, por referência, é uma desculpa para incrementar o conhecimento da língua materna e dos usos que dela vão sendo concretizados. Para o efeito, tanto a Linguística como a Gramática são importantes. A identificação dos problemas (cf. Índice) é redutora, não distinguindo, por exemplo, se falta um elemento, como em “I.8. acentuação do participio passado”, ou se ele está a mais, o que sucede em “I.7. acentuação de advérbio”. Portanto, funciona

quer pelo lado positivo, quer pelo negativo. A finalidade pretendida foi a de delimitar o problema linguístico colocado para o enquadrar numa, ou noutra, área. Nos casos de I.7 e I.8, por se relacionarem com a acentuação gráfica, identificaram-se como problemas de Ortografia. Haveria, como é óbvio, outras formas de identificação. Este intitulado quis-se funcional para se situar a problematização do uso linguístico registado e recolhido.

A equação interrogativa de onde parte a reflexão é muito elementar: “É isto ou aquilo?”, mas permite visualizar, imediatamente, a problemática. É dada a solução, seguida de uma esquematização que condensa os dados explicativos. Apresentam-se também exemplos facultados na explicação. Esta desenrola-se, sobretudo, em três parágrafos, a fim de marcar a fase introdutória, a do desenvolvimento e a da conclusão, avançando uma solução com, geralmente, uma proposta de reescrita. Cada problema é enunciado com simplicidade para permitir a compreensão de leitores de faixas etárias diversas e com distintos interesses, sejam eles das Ciências, das Artes e Humanidades ou de outro âmbito. A exposição destina-se a quem já tem propensão para as dúvidas, a quem as começa a ter ou a quem, por agora, não as manifeste, embora revele curiosidade pela língua que conhece, ou não, desde criança.

A proposta é ultrapassar uma das contradições da presente época, nos meios de comunicação social: todos têm direito à palavra, mesmo quem não domina bem o idioma em que comunica. São exemplos pouco positivos que se assemelham aos usos juvenis, quando dizem que os jovens escrevem e falam mal. Contudo, os adultos não têm melhor desempenho. Parece haver uma desconsideração generalizada pela língua porque o que importa é comunicar. Todavia, não há comunicação escrita sem material linguístico. Provavelmente, a Linguística terá de assumir alguma culpa nesta visão comunicacional, uma vez que prefere descrever a prescrever, desorientando. Porventura, a Gramática também terá de suportar a sua parte de responsabilidade, já que se tem limitado a privilegiar a norma, sem dar a possibilidade de pensar sobre ela, tornando-a uma verdade intocável.

O livro totaliza 71 *Problemas de Português com Soluções*, distribuindo-se da seguinte forma: 14 para a Ortografia, 20 no âmbito da Morfologia, 15 com temática enquadrada na Semântica e 22 de Sintaxe. Porém, esta organização não é pacífica. Muitos problemas não são específicos de uma disciplina, visto que combinam diversas dimensões linguísticas. A orgânica é, por isso,

o resultado de uma escolha que se quis, contudo, sistemática. Por exemplo, na parte relativa à Semântica, foram incluídos casos que podem ser considerados de nível ortográfico (“traz” – “trás” e “porque” – “por que”). Todavia, acontece que, com frequência, um elemento se opõe a outro, havendo necessidade de os diferenciar pela significação. Quase todos os problemas enunciados suscitam dúvidas de distribuição organizativa, embora muitos se encaixem perfeitamente na parte em que foram inseridos.

As soluções apresentadas também podem provocar desacordo, não deixando de ser propostas para a reflexão. Para isso, tornam-se fundamentais várias perguntas que se destinam a desenvolver aprendizagens e a consolidar saberes seculares. É possível escrever assim? Está errado? O que está certo? Tudo é possível? Tudo se admite? A Língua Portuguesa é um código, um sistema estruturado de signos e sinais, com mais de 800 anos de história. Inicialmente, era apenas falada e foi ganhando corpo, pela escrita. A sua fixação tem permitido o seu estudo, mas nem sempre teve a mesma grafia. A sua visibilidade morfológica foi evoluindo. Quanto à significação, a semântica dos vocábulos isolados ou combinados também não tem sido permanentemente a mesma. Isso tudo é notório na sintaxe das frases que lhe dão corporeidade. Vai evoluindo ao sabor de modas e, portanto, de usos que a revestem consoante as épocas, mas a sua essência está definida. É conhecida pela origem latina, assim como pelas influências de contactos que foi tendo durante séculos. Para a falar e escrever devidamente, será, então, conveniente conhecê-la e isso consegue-se, estudando-a, a nível científico, nas suas múltiplas facetas, incluindo na sua dimensão gramatical. A Língua Portuguesa é uma matéria do saber como outra qualquer porque coloca problemas, uns mais fáceis e outros mais difíceis, para os quais é indispensável procurar soluções. Não se pense com isso que o Português é uma língua difícil. É um estereótipo considerá-lo porque a língua que se domina apenas pode ser fácil e aquela que não se conhece devidamente é, por princípio, difícil. O importante é a reflexão linguística e espera-se que este livro a promova ainda mais, se possível, que a dos usos que o motivaram.

Helena Rebelo

1. Noção de “erro”

USO

“erros ortográficos”

PROBLEMA

É “erros ortográficos” ou “erros gráficos”?

SOLUÇÃO

“erros gráficos”

ESQUEMATIZAÇÃO

“erro ortográfico”	“erro gráfico”
“erro” = “falha” “ortográfico” = “com grafia certa” “orto” = “certo” “gráfico” = “escrito”, “de escrita”	“erro” = “falha” “gráfico” = “escrito”, “de escrita”

EXEMPLIFICAÇÃO

frase com erros gráficos: “Os nossos curações são inseparabeis, os nossos sentimentos interminábeis.”

frase sem erros gráficos ou de ortografia: “Os nossos corações são inseparáveis; os nossos sentimentos intermináveis.”

EXPLICAÇÃO

Nos lenços de namorados, frases bordadas à mão como “Os nossos curações são inseparáveis, os nossos sentimentus intermináveis.” levantam a problemática da pertinência ortográfica, manifestando uma “escrita fonética”, em que a pronúncia sobressai tanto quanto a reduzida escolaridade da bordadeira. Redigido com as cores usadas nos textos dos lenços, o seguinte aviso: “Os erros ortográficos presentes nos textos desta Revista são típicos dos tradicionais Lenços de Namorados do Minho. Não aderimos a um acordo ortográfico ‘regional’ nem pretendemos ferir susceptibilidades linguísticas.” alerta para a questão ortográfica. Suscita, em si, um problema linguístico interessante e que não é novo.

Retomando a frase do aviso, é importante perguntar: Até que ponto se pode empregar a expressão “erros ortográficos”? É um erro porque, parando para pensar nas palavras que a constituem, verifica-se que, juntas, não fazem sentido. Quando se fala em “erro ortográfico”, expressão usual, recorrentemente repetida, perde-se a noção do significado de “ortográfico”, que quer dizer “com grafia certa”, isto é, que segue a norma. Ora, assinalar um erro de grafia e indicar que tem uma “grafia certa” torna-se absurdo. É como se, naquela expressão, “ortográfico” tivesse perdido a a noção de “escorreito” para se reportar apenas a “grafia” ou “escrita”. Deste modo, colocar-se, lado a lado, naquela sequência, “erro” e “orto” (certo) não faz sentido. Pela lógica, não deveriam poder coexistir, salvo pelo intermédio de uma preposição acompanhada pelo nome: “erro de ortografia”.

Embora ninguém conteste a expressão “erro ortográfico”, porventura porque não é habitual pensar na língua materna, mereceria ser revista. Está, linguisticamente, fixada, sendo usual, mas será preferível substituí-la por “erro gráfico”. É uma sugestão. Será mais difícil alterar este uso generalizado do que corrigir a frase bordada com a pronúncia regional do Norte: “Os nossos corações são inseparáveis; os nossos sentimentos intermináveis.”.